



FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 11 DE MAIO, DE 2026 - 21H00

ASSALTO AO AEROPORTO



“Assalto ao Aeroporto” (Die Hard 2, 1990), realizado por Renny Harlin, surge como uma sequela que, longe de se limitar a repetir a fórmula do original, opta por ampliá-la, em escala, em ambição e, sobretudo, em espetáculo. Se o primeiro filme se distinguia pela claustrofobia de um edifício isolado, aqui a acção expande-se para um aeroporto inteiro, transformando um espaço de circulação global num campo de batalha onde o controlo e o caos coexistem em permanente tensão.

Mais uma vez acompanhamos John McClane (Bruce Willis), o polícia nova-iorquino que parece condenado a estar sempre no lugar errado à hora errada. Desta feita, o cenário é o Aeroporto Internacional de Washington, onde um grupo de mercenários altamente organizados toma controlo dos sistemas de navegação, colocando em risco centenas de vidas. A premissa, simples mas eficaz, permite ao filme explorar uma constante sensação de urgência, sustentada pela ameaça invisível que paira sobre os aviões em rota de colisão com o perigo.

Renny Harlin imprime ao filme um ritmo agressivo e contínuo, apostando numa realização mais expansiva e musculada do que a de John McTiernan no primeiro capítulo. As sequências de acção multiplicam-se e ganham dimensão: perseguições na neve, confrontos em espaços abertos e explosões de grande escala substituem a contenção do filme original. No entanto, essa ampliação não compromete a clareza narrativa, pelo contrário, o filme mantém uma estrutura sólida, onde cada momento de tensão é cuidadosamente preparado e executado.



Bruce Willis reafirma aqui a singularidade da sua criação. McClane continua a ser um herói relutante, vulnerável, frequentemente improvisador, muito distante das figuras invencíveis que dominavam o cinema de acção da época. O seu sarcasmo e a sua resistência física, mais sofrida do que heroica, funcionam como elementos de identificação, equilibrando o espetáculo com uma dimensão humana que o género nem sempre privilegia.

À sua volta, o filme constrói um conjunto de antagonistas eficazes, liderados por William Sadler, cuja presença fria e calculista contribui para uma ameaça credível. Ao mesmo tempo, regressam algumas figuras do primeiro filme, criando uma continuidade que reforça o universo da narrativa sem se tornar dependente dele.



Visualmente, “Assalto ao Aeroporto” explora com inteligência o espaço em que decorre. A neve, o gelo e a escuridão conferem ao filme uma identidade própria, afastando-o do ambiente urbano mais reconhecível do original. A utilização dos sistemas tecnológicos como os radares ou as comunicações, não são meramente decorativas, mas integradas na própria lógica do conflito, tornando o espaço do aeroporto num elemento activo da narrativa.

Se há algo que distingue esta sequência é a forma como assume plenamente a sua natureza de entretenimento. Não procura reinventar o género, mas antes levá-lo a uma escala superior, mantendo intactos os elementos que tornaram o primeiro filme eficaz: ritmo, tensão e uma personagem central carismática. Nesse sentido, “Assalto ao Aeroporto” afirma-se como um exemplo particularmente sólido de cinema de ação dos anos 90, capaz de equilibrar espectáculo e narrativa com uma competência rara.

Visto hoje, o filme conserva grande parte do seu impacto, não apenas pela eficácia das suas sequências de ação, mas pela forma como compreende as regras do género e as executa com precisão. Uma sequência que, sem ultrapassar o original, demonstra que a repetição pode, quando bem conduzida, transformar-se em amplificação e que o cinema de entretenimento, quando feito com rigor, pode atingir uma forma de excelência própria.

ASSALTO AO AEROPORTO

Título original: Die Hard 2



Realização: Renny Harlin (EUA, 1990);

Argumento: Steven E. de Souza, Doug Richardson, baseado no romance 58 Minutes de Walter Wager; Produção: Joel Silver;

Produção executiva: Lawrence Gordon, Charles Gordon; Música: Michael Kamen; Fotografia (cor): Oliver Wood; Montagem: Stuart Baird; Casting: Jackie Burch; Design de produção: Jackson De Govia; Direcção artística: William Sandell; Decoração: Robert Gould; Guarda-roupa: Denise Wingate; Maquilhagem: John M. Elliott Jr., Michael Germain; Assistentes de realização: Eric Schwab, David Sosna; Departamento de arte: John Vallone, Rick Simpson, Thomas L. Roysden; Som: Donald O. Mitchell, Rick Kline, Kevin O’Connell, Gregg Landaker; Efeitos especiais: Richard Edlund;

Companhias de produção: 20th Century Fox, Silver Pictures, Gordon Company;

Com: Bruce Willis (John McClane), Bonnie Bedelia (Holly McClane), William Sadler (Coronel Stuart), John Amos (Major Grant), Dennis Franz (Capitão Carmine Lorenzo), Franco Nero (General Esperanza), William Atherton (Richard Thornburg), Reginald VelJohnson (Al Powell), Art Evans, Fred Thompson, Tom Bower, Don Harvey, Sheila McCarthy, John Leguizamo, etc.

Duração: 124 minutos; Distribuição em Portugal: Lusomundo; Distribuição internacional: 20th Century Fox; Classificação etária: M/16 anos; Estreia em Portugal: 24 de Agosto de 1990.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 18 DE MAIO DE 2026
Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)
“IMPACTO SÚBITO”, de Clint Eastwood (1983)